

A Família Negra Diante do Racismo: Um Estudo em Filmes de Comédia¹

Carla Patrícia Oliveira de SOUZA²
Doutora

Resumo

Este artigo se propõe a discutir a representação da família negra em três filmes de comédia, dois de nacionalidade francesa - *Bem-vindo à Marly-Gomont* (2016) direção de Julien Rambaldi e *He even has your eyes* (2016) direção de Lucien Jean-Baptiste, e um filme estadunidense *Felicidade por um fio* (2018) dirigido por Haifaa Al Mansour. A família vista como núcleo social unida pelo parentesco que tem a incumbência de formar cidadãos atuantes na vida sociocultural e econômica. Sendo assim a problemática da nossa pesquisa procura responder se os personagens adultos dos filmes selecionados orientam os filhos a se protegerem dos preconceitos raciais da sociedade, além de encorajá-los a ter um posicionamento ativo perante as discriminações da raça negra. Utilizamos a contribuição teórica de Amaro (2014), Hooks (2019), Almeida (2021) e Moscovici (2015).

Palavras-chave

História das mídias audiovisuais; Racismo estrutural; Representação; Famílias negras.

1.Introdução

Desde o início do cinema, temos visto a família sendo representada nos filmes. As narrativas dos diversos gêneros como o drama, o terror, a comédia, o romance, enfim, qualquer que seja o gênero, traz o relacionamento entre os membros da família evidenciados, ora como uma rede de intrigas, ora como fonte de apoio. Famílias de diferentes etnias, credos e composições estão presentes nas obras do audiovisual, e nos acompanham no decorrer das fases da nossa vida.

As animações como *Rei Leão* (1994), *Procurando Nemo* (2003), *Os Incríveis* (2004) *Meu Malvado Favorito* (2010), despertam nas crianças e nos jovens algumas reflexões sobre a convivência na família, bem como os filmes inspirados em animações como *Os Flintstones* (1994) e *Os Simpsons* (2007). Há ainda outros exemplos dessa instituição no cinema como: *A família Adams* (1991), *A família Buscapé* (1993) e o filme brasileiro *A Grande família* (2007). Com os canais pagos e os serviços de

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutora e Mestre em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.
Email: carlaposouza@gmail.com

streamings, temos uma maior oportunidade de acompanhar obras do audiovisual de diferentes nacionalidades e gêneros com famílias negras ou inter-raciais sendo representadas, como: *Por trás dos seus olhos* (2021), *Bridgerton* (2020), *Paranormal* (2020), *Greenleaf* (2016), *Empire – Fama e Poder* (2015), *Black – Ish* (2014) e *Ginny e Georgia* (2021). *Todo mundo odeia Chris* (2005) e *Um Maluco no pedaço* (1990) são seriados veiculados na televisão aberta.

Neste artigo, selecionamos três filmes *Bem-vindo à Marly-Gomont* (2016), *He even has your eyes* (2016) e *Felicidade por um fio* (2018), obras que trazem a representação da família negra e a temática racista, os quais refletimos a partir dos conceitos de racismo estrutural e a representação negra no cinema. Selecionamos os filmes observando as características do gênero comédia de costumes, no qual a crítica social é realizada em uma atmosfera cômica. Diante do comportamento inapropriado de certos indivíduos na sociedade, o humor e a ironia da trama podem despertar nos espectadores uma discussão acerca dos problemas sociais. A problemática da pesquisa questiona se os personagens adultos orientam os filhos a se protegerem contra os diversos tipos de agressões racistas, além de incentivar a ter uma atitude ativa diante dessas discriminações.

O artigo está organizado em quatro tópicos, a partir da introdução temos o tópico dois, intitulado Famílias Negras no Cinema, onde as narrativas dos filmes do estudo são abordadas e entrelaçadas a partir da conceituação de família de Amaro (2014) e o racismo estrutural de Almeida (2021). No tópico três, A representação da negritude, discutimos o impacto da representação dos personagens negros e a influência nos espectadores com a contribuição de Hooks (2019) e Moscovici (2015). Finalizamos no quarto tópico, considerações finais, com as reflexões surgidas com a análise das três obras fílmicas.

2.Famílias Negras no Cinema

O conceito de família geralmente é elaborado de forma intuitiva a partir da própria experiência em que o indivíduo tem de pertencimento a esse núcleo social. Não se tem mostrado fácil segundo o pesquisador português Amaro (2014) construir uma definição universal de família. A definição de família vai além da perspectiva

acadêmica, devido o seu caráter prático, uma vez que é utilizado pelos governos ou instituições da sociedade civil no estabelecimento das políticas de família. “A definição de família pode condicionar, assim, os direitos das pessoas e criar até situações de discriminação e exclusão social” (AMARO, 2014, p.1). Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE) em Portugal, a família clássica é conceituada como: “conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento” (AMARO, 2014, p.3). A constituição federal brasileira de 1988 no “Art.226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”³. A constituição federal conceituou a família como forma de regulamentar as relações concubinárias. A família é vista como núcleo no qual proporciona ao ser humano o desenvolvimento de todas as suas potencialidades individuais, em observância ao princípio da dignidade da pessoa humana, como também os princípios do Direito das Famílias, conforme o site jus.com.br³.

Amaro (2014) nos diz que a família pode ser analisada em vista da dimensão estrutural, funcional, relacional e simbólica. O aspecto estrutural tem haver com a forma pela qual um indivíduo se torna membro da família, bem como as relações que se estabelecem entre os diversos elementos diante da sua posição no conjunto. O aspecto funcional diz respeito à satisfação das necessidades dos membros da família que engloba a parte financeira, alimentação, vestuário, proteção, socialização das crianças e apoio emocional. Já o aspecto relacional aborda as relações afetivas entre os membros da família. E finalmente, o aspecto simbólico que abarca os valores e atitudes dos membros da família. Nesse aspecto, podemos incluir as relações de poder ou a afirmação de um ideal de vida que abrange todos os membros da família. Amaro (2014) enfatiza que o estudo das dimensões da família deve ser orientado para uma perspectiva dinâmica, visto que a família é uma instituição em constante evolução, que tem sua estrutura, funções e relações modificadas no decorrer do tempo.

³ O conceito de família à luz da Constituição de 1988 e a necessidade de regulamentação das relações concubinárias .

Disponível em:

<https://jus.com.br/artigos/63694/o-conceito-de-familia-a-luz-da-constituicao-de-1988-e-a-necessidade-de-regulamentacao-das-relacoes-concubinarias>

Acesso em: 10/06/2021

A sociedade contemporânea é caracterizada pela pluralidade das formas de família. Com a globalização foi verificado uma maior incidência nas imigrações, o que resultou em casamentos inter-raciais, a integração social de famílias oriundas de meios culturais distintos, e também a questão do reagrupamento familiar de imigrantes que têm no país de origem famílias poligâmicas.

A integração social de famílias de origem africana em países europeus, como na França é vista em dois filmes selecionados neste estudo. Na obra *Bem-vindo à Marly-Gomont*, o estranhamento dos franceses com a família negra gera diversos tipos de preconceitos raciais contra todos os membros da família. No filme *He even has your eyes*, a primeira geração da família que imigrou da África para França, carrega preconceitos de raça, não verificado na segunda geração da família que cresceu nos subúrbios de Paris. Nesses dois filmes, são evidenciados esses imigrantes de países da África que vieram para França a fim de melhorar a sua vida econômica.

Em *Bem-vindo à Marly-Gomont*, conforme figura 01, a narrativa fílmica ambientada na década de 1970, foi inspirada em uma fato real que aconteceu com um recém-formado de medicina de origem africana, chamado Seyolo Zantoko interpretado pelo ator Marc Zinga. Após concluir o curso de medicina na França, Seyolo vê a oportunidade de trabalhar em uma pequena cidade rural desse país como médico, como também em uma forma de conquistar a cidadania francesa. Ele traz a esposa e os filhos do Zaire para a provinciana Marly-Gomont, e é nesse momento que se inicia o estranhamento dos habitantes com a raça negra, já que nunca tinham visto pessoas negras. Os habitantes ignoram o médico, continuam a frequentar o consultório médico da cidade vizinha, os filhos recebem todo tipo de apelido racista na escola, mas quem sofre mais é Seyolo que não consegue ter o respeito da cidade. Um evento que ajudou a sensibilizar a população da cidade de Marly-Gomont junto à família do Zaire, foi a habilidade da filha de Seyolo, uma exímia jogadora de futebol, que foi colocada no time masculino de jovens para ajudar a cidade vencer os times de cidades vizinhas. A garota passou a ser ovacionada, o que contribuiu na aceitação da família do Zaire em Marly-Gomont e conseqüentemente no reconhecimento de Seyolo como médico competente.

Figura 01: Os membros da família Zantoko



Fonte: Filme *Bem-vindo à Marly* (2016) dir. Julien Rambaldi

Na obra *He even has your eyes*, conforme figura 02, Paul (Lucien Jean-Baptiste) e Sali (Aissa Maiga) são um casal de negros, ela descendente de africanos e ele de indianos. Eles vivem e trabalham em Paris, eles inauguraram uma floricultura e estão reformando a casa nova. O telefone toca, e Sali recebe a notícia que o filho que tanto aguardava na fila de adoção, já está a sua espera. Quando Paul e Sali chegam ao órgão público encarregado do processo de adoção, e mostrado a foto do pequeno Benjamin de quatro meses, um bebê loiro de olhos azuis. Os dois se olham com estranhamento, mas aceitam a criança com amor. A assistente social não acredita que Paul e Sali irão conseguir levar o processo de adoção adiante, e faz visitas semanalmente para conseguir provas da não aceitação do bebê branco pelo casal negro. No decorrer da narrativa, presenciamos vários tipos de preconceitos raciais, desde as babás negras que cuidam de crianças brancas e da recepcionista do médico, todas elas não acreditam que Sali seja a mãe de Benjamin. O maior preconceito contra a criança branca é dado pelos próprios genitores de Sali, que não aceitam um neto branco. Os pais de Sali, africanos que preservam a cultura do seu país de origem, o Senegal, vê a criança branca como motivo de vergonha para família. No desfecho da trama, vemos a aceitação dos avós africanos pelo neto adotivo após constatarem o grande amor que a filha deles Sali tem pelo filho Benjamin.

Figura 02: Sali alimentando Benjamim sob olhar de Paul



Fonte: Filme *He even has your eyes* (2016) dir. Lucien Jean-Baptiste

Na obra *Felicidade por um fio*, conforme as figuras 03 e 04, a narrativa inicia na década de 1990 com a protagonista Violet (Sanaa Lathan) com onze anos de idade, já recebendo da mãe um alisamento nos cabelos crespos, procedimento na época realizado com pente quente saído diretamente da boca do fogão. O cabelo liso tão obstinadamente feito pela mãe impede a pequena Violet de se divertir na piscina do clube com outras crianças. Após a insistência de um garoto para ela pular na piscina, Violet pula e o cabelo volta ao seu estado natural, o que vira um motivo de deboche das crianças. Desde esse dia, Violet não permite que seu cabelo seja natural. Há uma cena, em que a mãe de Violet chega de madrugada na casa da filha para alisar seus cabelos, enquanto o namorado dela dorme no quarto. Depois dos fios alisados, ela se deita novamente, para dar a impressão que seus cabelos são lisos. Após uma decepção com o namorado que não a pede em casamento por acha-la perfeita demais, Violet entra em um processo de autodescoberta, e após uma noite de muitas bebidas, ela raspa o cabelo com uma máquina, e se sente livre, após tantos anos de escravidão por uma beleza não natural. Violet é testada novamente pelo seu namorado com o pedido de casamento, mas no dia do noivado ele a pede para alisar os cabelos curtos. Então, ela recorre a mãe para alisá-los, porém na hora do noivado ela decide pular na piscina e se libertar de uma vez por todas da ditadura do cabelo liso. Exibir seus cabelos crespos é uma atitude libertadora.

Figura 03: A mãe Lynn passa o pente quente nos cabelos da pequena Violet



Fonte: Filme Felicidade por um fio (2018) dir. Haifaa Al Mansour

Figura 04: Violet raspa os cabelos



Fonte: Filme Felicidade por um fio (2018) dir. Haifaa Al Mansour

Percebemos que as três narrativas fílmicas descritas, contém exemplos de racismo, preconceito racial e discriminação racial. Almeida (2021) nos esclarece a definição de cada conceito observado, vale destacar que os três conceitos se interligam, mas não tem o mesmo significado.

[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2021, p.32).

O autor continua a nos explicar sobre a relação que há entre os conceitos de racismo, preconceito racial e discriminação racial. E nos diz que: “O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um

determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias” (ALMEIDA, 2021, p.32). No filme *Bem-vindo à Marly-Gomont*, os habitantes da cidade de Marly-Gomont antes mesmo de se consultar com o médico Seyolo, já o consideravam incapaz de exercer a medicina. Na obra *He even has your eyes*, a assistente social do órgão público de adoção de Paris não acredita que Paul e Sali serão bons pais para a criança branca. E em *Felicidade por um fio*, a mãe de Violet a ensina a não aceitar os seus cabelos crespos, como se ela fosse inferior aos demais, então alisando os cabelos ela poderia conquistar tudo, como a carreira profissional e o amor.

Almeida (2021) nos fala da discriminação racial, “é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados” (ALMEIDA, 2021, p.32). Logo, o poder é o elemento fundamental do processo de discriminação, através do uso da força como forma de atribuir vantagens ou desvantagens devido à raça. A discriminação pode ser direta ou indireta, ela é direta quando há o repúdio ostensivo a um ou mais indivíduos motivado pela raça. Caso do filme *Bem-vindo à Marly-Gomont*, que houve a discriminação com toda a família de Seyolo. Na discriminação indireta, a situação de determinados grupos minoritários é ignorada, ou seja, é a discriminação de fato, ou quando são impostas regras de neutralidade racial, onde não se observa a existência de diferenças sociais significativas.

A discriminação indireta é [...] marcada pela ausência de intencionalidade explícita de discriminar pessoas. Isso pode acontecer porque a norma ou prática não leva em consideração ou não pode prever de forma concreta as consequências da norma (MOREIRA apud ALMEIDA, 2021, p.33).

A discriminação direta e indireta no decorrer do tempo gera estratificação social, é um fenômeno intergeracional, em que todos os membros do grupo social têm a sua trajetória de vida afetada, pela falta de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material. Dos três filmes pesquisados nesse estudo, verificamos que a discriminação direta e indireta está presente em *Bem-vindo à Marly-Gomont*, mas não gerou a estratificação social, porque os personagens negros conseguiram vencer a discriminação racial no decorrer da narrativa. Na obra *He even has you eyes*, percebemos que houve uma discriminação racial direta dos pais de Sali com o neto adotado branco. Paul, Sali e o pequeno Benjamim foram excluídos do convívio familiar por não se adequar a tradicional família Senegalesa.

Para compreender como o racismo está impregnado na sociedade, buscamos novamente Almeida (2021) que nos explica como o racismo é uma consequência da própria estrutura social, e que não se resume apenas a comportamentos individuais e processos institucionais.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas” dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2021,p.50)

O racismo estrutural conceituado por Almeida (2021) é visto nos três filmes pesquisados, o racismo como sendo parte de um processo social deixado desde a época da escravidão, e que ainda permanece latente. Na obra *Felicidade por um fio*, não presenciamos nenhum tipo de discriminação racial com nenhum personagem negro, mas o racismo estrutural é visto na trajetória de vida da própria protagonista, incentivada pela mãe a não se aceitar, a não reconhecer os seus cabelos crespos como parte da sua identidade negra.

Almeida (2021) enfatiza que a mudança da sociedade não se resume unicamente com denúncias, ou com repúdio moral do racismo, é necessário acima de tudo que haja uma tomada de postura e da adoção de práticas antirracistas. Nesse sentido, a problemática da nossa pesquisa está na direção do pensamento de Almeida (2021) quando questiona se os personagens adultos dos filmes selecionados orientam os filhos a se protegerem dos preconceitos raciais da sociedade, além de encorajá-los a ter um posicionamento ativo perante as discriminações da raça negra. A educação antirracista deve começar no núcleo familiar.

A seguir, refletiremos a representação da negritude, evidenciando o impacto da representação dos personagens negros do núcleo familiar e o poder de influência nos espectadores dessas obras.

3. A Representação da Negritude

O estudo das representações nos ajuda a compreender como nos significamos as pessoas e as coisas, bem como o poder de influência das representações sociais nos espectadores. Moscovici (2015) nos informa que onde há interação humana, seja entre duas pessoas ou dois grupos, as representações estão presentes. Frequentemente encontramos pessoas ou coisas, e sentimos algo familiar, Moscovici (2015) enfatiza que é então nessa interação com familiaridade que as representações comparecem. A informação que nós conseguimos obter e à qual procuramos dar um significado, está sob um controle com um sentido já construído.

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da co-operação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu (MOSCOVICI, 2015, p.41).

O autor ainda explica que é insuficiente para o processo de compreender uma representação, iniciar diretamente de um aspecto ou outro, ou seja, a partir do comportamento ou da estrutura social, pois uma representação frequentemente condiciona e até responde a outra. Isso não ocorre devido a representação possuir origem coletiva ou se referir a um objeto coletivo, mas ao fato dela ser compartilhada por todos e ser mantida pela tradição, sendo assim a representação forma uma realidade social singular. Quanto mais a origem de uma representação não é lembrada, bem como a sua natureza convencional, mais fossilizada se torna a representação. “Ao criar representações, nós somos como artista, que se inclina diante da estátua que ele esculpiu e a adora como se fosse um deus” (MOSCOVICI, 2015, p.41).

Após esse breve percurso sobre a conceituação das representações sociais, buscamos Hooks (2019) para nos ajudar a refletir sobre a representação negra na mídia. A pesquisadora estadunidense nos revela que houve poucas mudanças no controle sobre a forma como os afro-americanos são representados na mídia de massa. Qualquer que seja a mídia, revistas, livros, programas televisivos, cinema, ou em fotografias em lugares públicos, provavelmente nós vamos nos deparar com imagens de pessoas negras reforçando a supremacia branca. Imagens criadas por pessoas brancas que ainda não

conseguiram se despir do racismo, ou mesmo por pessoas não brancas ou negras que vê o mundo pelas lentes da supremacia branca, o racismo internalizado. Caso do filme *Felicidade por um fio*, com a personagem Violet educada pela mãe a sempre manter os cabelos alisados, e renegar assim as suas características físicas da raça negra. Hooks (2019) confessa que coletivamente não foi realizado nenhum progresso em termos de representação social.

Socializadas no interior de sistemas educacionais supremacistas brancos e por uma mídia de massa racista, muitas pessoas negras são convencidas de que nossas vidas não são complexas e, portanto, não são dignas de reflexões e análises críticas sofisticadas. Mesmo aqueles que estão, com razão, empenhados na luta pela libertação dos negros, que sentem ter descolonizados suas mentes, com frequência acham difícil “falar” da nossa experiência.[...]Sem uma forma de nomear a nossa dor, nós também não temos palavras para articular nosso prazer (HOOKS,2019,p.32).

A autora continua a discutir sobre a tarefa primordial dos pensadores negros de quebrar com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que impedem a habilidade dos negros enxergar a partir de outro horizonte. A necessidade de imaginar, descrever e inventar cenários libertadores. “Sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e os amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora?” (HOOKS, 2019, p.33).

No filme *Bem-vindo à Marly-Gomont*, o personagem Seyolo apesar de ter cursado medicina na França, de possuir uma capacidade intelectual que o ajudou a mudar a sua trajetória de vida, pois era órfão no Congo, ainda assim renega as suas origens africanas, não permite que os filhos nem falem o idioma da terra natal. O médico se deixa ser humilhado pelos racistas da cidade, e não incute nos filhos o orgulho da raça, e a defesa diante dos insultos. Tem uma postura passiva. Já a esposa de Seyolo, Anne (Aïssa Maïga), ensina os filhos a se defender, ela própria quando percebe a discriminação contra sua família, tem uma postura firme diante dos preconceituosos da cidade. Anne incentiva a filha jogar futebol, ao contrário de Seyolo que não vê com bons olhos a aptidão da filha. Nesse filme, percebemos que Seyolo ainda mantém uma atitude de colonizado, atitude essa que deve ser reformulada.

Hooks (2019) nos fala que os artistas e intelectuais negros insurgentes são provocados a repensar as novas formas de trabalhar, de discutir e de representar a imagem da raça negra. É crucial, o tipo de imagem que é produzido, o modo como é

escrito e falado criticamente a respeito dessas imagens, e principalmente, o desafio de falar o que ainda não foi falado. Hooks (2019) elenca as várias experiências de mídia, como a televisão, a música e a literatura, mas enfatiza que a experiência com o cinema é a que mais determina como a negritude e as pessoas negras são vistas e como os grupos irão responder baseado nas suas relações com a construção e o consumo de imagens.

Muita gente nos Estados Unidos resiste à ideia de que as imagens têm uma intenção ideológica. Isso também é verdade para o público negro. Um questionamento crítico implacável às vezes é a única prática capaz de perfurar a barreira de negação que os consumidores de imagem constroem para não ter que encarar o quanto o mundo real da criação de imagens é político – e que a política da dominação influencia a forma como a grande maioria das imagens que consumimos é elaborada e comercializada (HOOKS, 2019, p.38-39).

A maioria dos negros não pensa criticamente sobre as razões que os fazem ir ao cinema e sentir prazer com imagens que zombam da negritude. É através da mudança coletiva do modo de se olhar para si mesmo e para o mundo, que será possível mudar como os negros são vistos.

As representações tradicionais de mulheres negras atuou violentamente contra a imagem. Como uma forma de repúdio, as espectadoras negras evitavam consumir essas imagens, desviando o olhar da tela, e excluindo o cinema de suas vidas. Mas havia também outras espectadoras que desejam as imagens e mantinham uma postura de cúmplice, de subordinação. Essas expectadoras se deixavam ser atraídas e seduzidas pelo cinema.

Hooks (2019) nos fala dos relatos de mulheres negras que são frequentadoras assíduas do cinema, elas revelam que para ter uma experiência agradável no cinema, precisam esquecer o olhar crítico e a análise, além do esquecimento do racismo e do machismo. Então, a autora questiona “Qual era então a natureza desse olhar de adoração da mulher negra – esse olhar que podia encontrar prazer em meio à negação?” (HOOKS, 2019, p.224). Se essas mesmas espectadoras negras assistissem os três filmes abordados no estudo: *Bem-vindo à Marly-Gomont*, *He even has your eyes* e *Felicidade por um fio*, o que sentiriam se não desligassem o seu olhar crítico? Provavelmente não aprovariam o comportamento de Seyolo em relação à negação das suas origens africanas, da sua atitude passiva e submissa diante do agressor racista, e de não incentivar os filhos a ter orgulho de quem são. Certamente as espectadoras não concordariam com a atitude da mãe de Violet, de educar a filha a ter um cabelo liso e também renegar a sua negritude. E em relação à personagem de Sali, a mãe adotiva de uma criança branca, o que pensariam? Será que essas espectadoras teriam o mesmo

comportamento da mãe de Sali, renegar a criança branca porque traz vergonha a sua raça?

As famílias inter-raciais são uma realidade, como já foi explanado no tópico sobre as famílias negras no cinema, o casamento inter-racial é uma consequência do processo de globalização através da quebra de fronteiras entre as nações, proporcionando que indivíduos de diferentes raças e culturas se conheçam e se apaixonem. Da mesma forma que é possível que surja um amor entre indivíduos de raças distintas, por que o amor a uma criança de pele mais clara ou mais escura deva ser um entrave à felicidade?

Temos que reconhecer que a raça negra foi muito mal representada na mídia de massa, e conforme Hooks (2019) nos revela, ainda é mal representada porque se faz necessário que mais vezes entoem o respeito e o orgulho da raça negra diante do controle ideológico da supremacia branca. Mas se faz necessário com o exemplo do filme *He even has your eyes*, que nos possamos refletir melhor se ao defender rigidamente as origens da raça negra se crie um impedimento de amar quem tem uma raça distinta. O respeito a uma raça, não significa distanciamento afetivo da outra.

Nos filmes estudados com a representação da família negra, procuramos identificar como os pais estão educando os filhos em relação a ter uma postura ativa diante dos preconceitos e discriminações raciais, podemos perceber que no filme *Bem-vindo à Marly Gomont*, coube a presença materna, Anne, esse papel de educar os filhos a ter orgulho das suas raízes africanas, e não se sentir inferiorizado diante das palavras de cunho racista. Nos filmes, *He even has your eyes* e *Felicidade por um fio*, os pais das protagonistas não tiveram um papel atuante quanto a incentivar uma postura ativa diante do racismo. Pelo contrário, os pais de Sali a excluíram do convívio familiar após a mesma adotar uma criança branca, e em *Felicidade por um fio*, a mãe de Violet a educava a base do pente quente para seguir um padrão de beleza antinatural da raça negra.

4. Considerações Finais

Este trabalho enfatizou a importância do núcleo familiar no direcionamento das questões de proteção e postura ativa contra o preconceito e as discriminações raciais, através da análise de três filmes do gênero comédia de costumes. Sabemos que o

racismo é estrutural, ele está impregnado em todos os níveis socioeconômicos da sociedade como um legado cruel, e é muito mais do que comportamentos individuais e processos institucionais; e uma forma eficaz de coibir com essas práticas é através da educação no lar. Criar cidadãos atuantes, com uma mentalidade voltada a práticas sociais de igualdade de raças e de gêneros, auxilia fortemente na mudança de representação da raça negra. Educar indivíduos negros a pensar, refletir e questionar as práticas abusivas na vida social e profissional. As obras *Bem-vindo à Marly-Gomont* (2016), *He even has your eyes* (2016) e *Felicidade por um fio* (2019) nos auxiliaram nesse processo de identificar como os negros estão sendo representados no cinema, e as questões de raça que estão sendo levantadas.

Percebemos que apenas a personagem Anne do filme *Bem-vindo a Marly-Gomont* incentiva os filhos a se defender contra o preconceito e a discriminação racial. Nos outros dois filmes, *He even has your eyes* e *Felicidade por um fio*, a segunda geração da família negra dos respectivos filmes, estão no processo de descolonização da supremacia branca.

Hooks (2019) nos fala que o controle das representações negras ainda está nas mãos da supremacia branca racista, logo se faz urgente romper com essas representações de negros nas mídias de massa, pois elas diminuem e tentam colonizar os espectadores negros. Ao invés de desviar os olhos da tela do cinema como as mulheres negras que não se sentem representadas nas narrativas fílmicas, por que não começar a formar uma nova representação? Na qual os negros se sentirão representados nas mídias tal como os artistas que admiram suas obras artísticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

AMARO, Fausto. **Sociologia da família**. Lisboa: Pactor, 2014.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

